

Laura Dave

«Uma história inspiradora.»

Publishers Weekly

«Um livro leve e divertido sobre
a busca da nossa alma gémea.»

People Magazine

O Primeiro Marido

**Se o amor da tua vida
te deixasse, o que farias?**



Penso que é importante começar por contar a verdade sobre o modo como cheguei até aqui. Quando as coisas se tornam confusas, brutais e complicadas, a verdade é a primeira coisa a desaparecer, não é? As pessoas tentam escondê-la, disfarçá-la ou emendá-la. Como se emendar o que aconteceu tornasse a situação menos confusa, brutal e complicada. E não ainda mais. Mas é impossível emendar. A verdade é que a culpa foi minha. A culpa de tudo. Tudo o que haveria de acontecer depois — tudo aquilo que não teria sido capaz de imaginar e que se tornaria o ano seguinte da minha vida. Afinal, fui eu que o fiz naquela manhã, sabendo muito bem o que poderia acontecer, o que o passado me tinha ensinado que iria acontecer, se eu fosse suficientemente inconsciente para o fazer. Desci até à sala, ainda com a camisola de pijama do Nick vestida, que estava demasiado larga, aconcheguei-me debaixo do cobertor e liguei o DVD. Como se fosse assim tão fácil. Como se *Férias em Roma* fosse apenas um filme qualquer. Como se não fosse uma bomba que eu estava prestes a detonar, em cheio, mesmo no meio da minha vida.

Normalmente — pelo menos, por regra — não sou uma pessoa supersticiosa. Mas há certos factos que não podem ser ignorados. A primeira vez que vi *Férias em Roma* tinha sete anos e foi durante a noite de sessão de cinema que costumava fazer com os meus pais. No dia seguinte, anunciaram que se iam divorciar.

Quando o voltei a ver, tinha 16 anos. Dez dias depois, a minha mãe informou-me que nos íamos mudar — era a nossa nona mudança em nove anos — desta vez de São Francisco (onde tínhamos vivido apenas o tempo suficiente para que eu fizesse uma amiga de verdade, um «namorado» e outra potencial amiga) para uma pequena cidade na ponta nordeste do Dakota do Norte (com uma população de 351 habitantes e onde frequentaria o meu último ano de liceu numa turma apenas com três outras pessoas).

Cinco anos mais tarde, tinha acabado a faculdade e arranjado um emprego no *New York Sun*. Ia ter o cargo mais baixo possível, mas, ainda assim, como jornalista. E em Nova Iorque! Enquanto estava a fazer as malas, dei com *Férias em Roma* e pensei: agora já sou adulta, não vou ficar agarrada a superstições de criança. *Porque não?* Eis porque não: na manhã seguinte, recebi um e-mail do meu ex-futuro patrão. *Devido a cortes, todas as admissões foram congeladas...* Tinha de sair do meu apartamento de estudante em menos de 48 horas, 76 mil euros de empréstimo universitário para pagar e todas as minhas poupanças enterradas no depósito do único apartamento que pude pagar — um estúdio de 30 metros quadrados à beira da autoestrada do West Side. E agora, já não tinha emprego.

À quarta vez, tinha 27 anos. O Nick e eu acabávamos de comemorar o nosso primeiro ano e preparávamo-nos para nos mudarmos juntos para a outra ponta do país, para Los Angeles. Ele estava a tentar começar uma carreira no cinema, o que exigia que nos mudássemos. Por mim, isso não era problema — até estava entusiasmada. Na altura, escrevia uma coluna semanal sobre viagens para um jornal de Filadélfia e, uma vez que já viajava em trabalho durante uma média de 200 dias por ano, pouco se importavam que a minha casa passasse a ser em Los Angeles.

Assim, comecei a ver *Férias em Roma*, sentindo-me segura no meu emprego, segura na minha relação, segura na minha decisão de me mudar para a costa oeste, e certa de que não havia muita coisa que o filme pudesse estragar — uma parte de mim talvez me quisesse mesmo *provar* que não havia sequer muita coisa que pudesse ser estragada.

Mas a meio do filme (desta vez, as coisas más nem sequer esperaram pelo fim), o telefone tocou. A casa em Venice para onde nos iríamos mudar — a casa para onde já despacháramos 80 por cento das nossas coisas — tinha *ardido*. Ninguém parecia saber a causa do incêndio. Mas eu sabia.

E, no entanto, ali estava eu, quatro anos depois, a uns meros 32 dias de comemorar 32 anos, e o que estava prestes a fazer? A certa altura, não se deveria ter tornado pavloviano? O filme já me tinha feito mal as vezes suficientes, ou, pelo menos, já tinha tido várias das experiências mais desagradáveis da minha vida num espaço de tempo desconcertantemente próximo da altura em que o tinha visto — como era possível não o associar a esse sofrimento? Porque haveria de querer vê-lo outra vez? Eis a razão: eu *adorava* o filme. Aquilo que *Um Amor Inevitável* era para algumas das minhas amigas — ou o que *Campo de Sonhos* era para o Nick — *Férias em Roma* era para mim.

Era o filme que me consolava. Era, pura e simplesmente, o meu consolo. É verdade, a minha mãe tinha-me confessado que escolhera o meu nome em parte por causa da personagem da Audrey Hepburn, a princesa Ann. Que rapariga é que, ao ver o filme, não queria ser a Audrey Hepburn? Mas era muito mais que isso. Em parte, talvez fosse porque eu própria era jornalista, escritora de viagens — a minha coluna, «De Partida», servia como um guia para explorar os lugares mais exóticos e interessantes do mundo. Um roteiro completo para desfrutar de lugares excitantes/cidades especiais/ilhas-minúsculas-no-meio-do-Oceano-Índico que, de outro modo, poderiam ser difíceis de descobrir. Sem surpresa, dediquei a minha primeira coluna a Roma. Na verdade, era uma ode a *Férias em Roma* — à experiência de ver a princesa Ann e o jornalista Joe Bradley (Gregory Peck) a explorarem a Cidade Eterna e a fugir das suas verdadeiras vidas. Era disso que mais gostava no meu trabalho — poder explorar o mundo, fugir constantemente. Mas, algures no meu íntimo, questionava-me sempre se, como a princesa Ann, não estaria apenas a sonhar que, se adormecesse num banco de jardim numa das centenas de cidades que visitava, acorda-

ria e teria a oportunidade viver a vida com que sempre sonhei, ao menos por um dia.

A outra razão por que amava o filme tinha que ver com o tipo de romance entre o Bradley e a Ann — aquele charme incandescente, a felicidade de cada momento. Isto tudo convenceu-me, como pessoa lógica que sou, de que as minhas tragédias não podiam ter nada que ver com um filme que era tão romântico, tão cheio de esperança. Ou, pelo menos, que não voltariam a ter. Não desta vez.

E ali estava eu, novamente naquele momento «desta-vez-vai-correr-tudo-bem»: 31 anos, des preocupada, ensonada. A minha belíssima cadela *Amelia* (o nome era uma homenagem à fantástica exploradora Amelia Earhart, mas chamávamos-lhe *Mila*) e eu tínhamos a tarde só para nós. O Nick estava a trabalhar. Era realizador, e andava a filmar o segundo filme — um thriller sobre vampiros que invadiam Washington. Como o seu primeiro filme, sobre uma viagem de carro (onde não aparecia *um único* vampiro), tinha sido bem recebido num festival no qual, aparentemente, era importante que tivesse sido bem recebido, ele estava a experimentar os seus primeiros momentos de fama. E eu estava muito excitada por ele — por nós, na verdade. Estávamos juntos desde muito novos, quando costumávamos filmar as suas curtas na rua. Eu, a manipular o carrinho da câmara e a fazer de protagonista. A irmã do Nick, de produtora. E a nossa cadela *Mila*, de... Cadela *Mila*.

E, no entanto, desde este êxito recente, o Nick tinha-se tornado ligeiramente cansativo na maneira como falava do trabalho. Para começar, chamava-lhe «o meu trabalho». Eu sabia que era uma fase. Uma daquelas que esperava ansiosamente que chegasse ao fim. Mais, tinha acabado de voltar de uma viagem esgotante de um mês — tinha passado agosto a percorrer três países (México, República Dominicana e Argentina), para trabalhar em artigos para a «De Partida». E, por isso, decidi arriscar. Como um presente para mim própria. Com a doce *Mila* sentada no meu colo, carreguei num botão, o DVD ligou-se, e escolhi PLAY.

Então, apareceu no ecrã: as letras brancas do genérico, a orquestra em crescendo, as imagens mais famosas de Roma como

cenário. O Vaticano. O Bolo de Casamento. As ruínas antigas. Até que surgiram no ecrã as palavras *Notícias de Última Hora*, e ali estava ela, à nossa frente: a arrebadora Audrey Hepburn sentada na sua carruagem, a acenar aos súbditos, a princesa mais triste do mundo.

Quando chegou o *Fim* e os créditos finais passaram no ecrã, olhei em volta para a nossa casa, a casa que partilhava com o Nick desde que nos mudáramos para Los Angeles — a casa que encontrámos quando a outra ardeu. Nenhuma jarra ou moldura tinha caído ao chão. A torradeira não tinha deixado espontaneamente de funcionar. E as túlipas frescas, que eu tinha comprado num mercado rural no Arizona por menos de 3 euros, não murcharam de repente. Continuavam naquela posição «quase-mortas-mas-ainda-de-pé».

Fiz uma festa na parte de trás da cabeça da *Mila*. Virou-se para cima e o seu olhar carinhoso cruzou o meu.

— Acho que está tudo bem — disse-lhe eu.

E então, a chave rodou na fechadura.

O Nick abriu a porta com um pontapé, a tentar equilibrar a garrafa térmica, o *Los Angeles Times* e o telefone. Mais parecia ter 16 anos do que 32, com o boné de basebol ao contrário e uma daquelas camisas em que vivia enfiado. Ou seja, o Nick parecia o Nick, mas numa versão exausta: barba de quatro dias, olheiras escuras.

Apontou para o telefone, para me explicar que estava a meio de uma chamada. Depois, fez um movimento circular com o dedo indicador — aquele movimento que fazemos quando queremos que a pessoa do outro lado acabe de falar. E, fosse quem fosse, deve ter percebido a deixa, porque, menos de um minuto depois, o Nick desligou o telefone e veio na minha direção, atirando as coisas para cima do sofá, numa pilha.

— Olá, forasteira... — disse ele, baixando-se para me dar um beijo e agarrando-me a nuca com a mão, deixando-se ficar.

— Olá para ti também — respondi, ficando assim perto dele por mais um instante. Estávamos habituados a passar longos períodos afastados mas, entre a minha coluna e as suas filma-

gens, este tinha sido um tempo particularmente penoso. O seu cheiro, o seu carinho, pareciam-me mais a exceção na minha vida do que a regra.

Ao ajoelhar-se para afagar o lombo peludo da *Mila* — o seu habitual cumprimento quando chegava a casa — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Olá, minha querida.

Depois, sentou-se ao meu lado no sofá, esticando os braços atrás da cabeça. Assim tão perto, o Nick pareceu-me ainda mais esgotado: os olhos encarnados e rasos de água por causa das longas filmagens e das lentes de contacto que tinha começado a usar há pouco tempo, para substituir os seus fiáveis óculos com aros de metal, que usava desde que o conheci.

Decidi não lhe ralhar por causa das lentes e também não falar sobre o telefonema que tinha recebido do nosso agente de viagens. Pressupunha-se que íamos para Londres em dezembro. Eu tinha arrendado uma casa minúscula em Battersea, daquelas que podíamos mesmo pagar, onde iríamos viver enquanto o Nick trabalhava num projeto. Mal podia esperar e já andava a sonhar com essa oportunidade para visitar as minhas partes preferidas de uma das cidades de que mais gostava: poder ir ao teatro e embrenhar-me em feiras de velharias, ou passar o tempo todo que quisesse em livrarias, em vez de desperdiçar um segundo que fosse a passear pela Torre de Londres. O agente tinha ligado a pedir o depósito da casa. Antes de pagar, eu precisava de saber se o calendário das filmagens na terra dos vampiros continuava de pé. Mas isso teria de esperar.

— O que é que estás a ver? — perguntou ele.

— Estava a ver, já acabou. — Para prová-lo, desliguei a televisão. — Era um filme. *Férias em Roma...*

— Temos esse filme? Há anos que não o vejo — disse ele. — Sempre achei que era um bocado exagerada a fama que tem.

Nunca tinha contado ao Nick a minha história com *Férias em Roma*, pelo menos, a história completa — a única pessoa que sabia era a minha melhor amiga, a Jordan. Se lhe contasse, o Nick diria que eu era maluca, de certeza. Mas não lhe

podia levar a mal. Eu própria pensaria que era maluca, se me contassem.

— Como é que correu ontem à noite? — resolvi perguntar. Abanou a cabeça como que a dizer *nem me fales disso*.

Mas depois acabou por falar, começando com um problema elétrico complicado na livraria em Pasadena que tinham arrendado para filmar o momento alto do filme. Era importante que *aquilo* corresse bem. Não tinha corrido.

Quando acabou, fixou os olhos no chão, quase fechados.

— Então... — disse ele. — Annabelle Adams...

Ri-me. Não consegui evitar. O Nick nunca me tratava pelo nome completo. Chamava-me Annie — ou Adams, quando discutíamos por uma coisa qualquer. E Adams também quando lhe apetecia ser particularmente amoroso. Era confuso, na verdade, se pensasse nisso: Adams só aparecia nos nossos melhores e piores momentos.

— Diz, *Nicholas Campbell*... — respondi, a brincar.

Aproximei-me e fiz-lhe uma festa na cara. Ele acompanhou o meu gesto, prendendo a minha mão, entre a bochecha e o ombro.

— Preciso de falar contigo sobre uma coisa — disse ele. — Há já um tempo que precisava de falar sobre isso, mas tens estado fora e não sabia exatamente como...

— Está bem...

Na semana anterior, em Punta Cana, tinha ouvido um terapeuta de casais num programa matinal local explicar que era considerado comportamento agressivo quando uma mulher olhava de frente para o marido ou o namorado quando ele estava a tentar falar sobre alguma coisa importante — que isso fazia os homens pensarem em guerra em vez de amor. Uma coisa estranha. Mas ali estava eu, seguindo o conselho o melhor que podia, com os joelhos debaixo da camisola larga, desviando o olhar, conforme as instruções. Pelo menos, consegui não olhar diretamente para ele quando continuou a falar.

— O que se passa é que — disse ele — a minha terapeuta diz que talvez precisemos de um tempo.

— Um tempo de quê? — perguntei.

Foi isto que eu disse. Como uma perfeita idiota. *Um tempo de quê* — o que é que eu tinha na cabeça? Mas a verdade é que a ideia de precisarmos de um tempo, longe um do outro, me parecia, naquele momento, completamente descabida.

— Ela diz que eu preciso de estar sozinho por uns tempos — disse ele. — Sem ti.

Olhei-o nos olhos. Há palavras que não se podem retirar. Teria eu acabado de as ouvir? Cinco anos. Estávamos juntos há cinco anos. Ao fim de tanto tempo, não haveria regras diferentes para dizê-las? Não teríamos de estar vestidos a rigor?

— Porquê? — perguntei.

— Ela diz que eu te amo — continuou —, mas também que estou a fazer um esforço por te amar. Que tenho de parar de pôr toda a gente primeiro.

Olhei para o focinho da *Mila*. *Está a escapar-me alguma coisa?* Perguntei-lhe em silêncio.

Ela olhou para mim: *Acho que quero fazer uma sesta.*

Entretanto, o Nick continuava a falar, mas era como se alguém tivesse deixado cair uma bola pela minha garganta abaixo. Não era capaz de tentar engoli-la e ouvir ao mesmo tempo. Em vez disso, olhei em volta pela casa — a casa que eu tinha planeado, mobilado, e onde era eu que fazia 95 por cento do trabalho para a manter. Talvez não tivesse muito jeito para criar uma casa. Está bem: de certeza que não. Não passava lá tempo suficiente para ser boa dona de casa (como testemunhava a minha mala ainda por desfazer, ao lado da porta). Mas, afinal, aquele é que era o problema do Nick? Não era sempre eu que punha tudo o resto primeiro?

— Ela diz que preciso de perceber aquilo de que preciso.

Ela diz. Não parava de dizer aquilo. *Ela diz*. Já tinha repetido trezentas vezes, se as contas não me falhavam. Provavelmente, porque sabia que se tirasse a parte do *ela disse* as suas palavras pareceriam mais duras. Este foi o meu primeiro pensamento claro. O meu segundo foi mais triste: o que é que eu teria feito para ele me querer deixar?

E foi quando ele começou a chegar à verdadeira razão.

— Além disso — disse, num tom bastante mais baixo —, talvez haja outras razões para estar *confuso*.

Pelo menos, teve coragem de dizer.

— Talvez haja outras razões? — perguntei. — Não queres confirmar primeiro com a tua terapeuta?

Lançou-me um olhar triste.

— Isso não ajuda em nada — respondeu-me.

Talvez não ajudasse, mas também não era completamente despropositado. A «terapeuta» do Nick nem sequer era mesmo terapeuta. E, antes dela, ele nunca tinha ido a uma terapeuta na vida. Mas alguém lhe tinha recomendado aquela mulher, uma espécie de médium, ou de conselheira. Aliás, como chamava a si própria no cartão-de-visita azul acetinado: CONSELHEIRA PARA O FUTURO. Ou seja, depois de ouvir as histórias que lhe contavam, dizia o que via no nosso futuro e ajudava-nos a chegar lá, ou então, a evitá-lo. Por, digamos, 450 euros à hora.

Foi então que compreendi que aquilo que ele estava a fazer era um esforço enorme para não me dizer.

— Quem é ela? — perguntei, mas já com uma desconfiança: Michelle Bryant. A ex-namorada do Nick e a sua paixão dos tempos de faculdade. Tinham estudado os dois na Brown, namorado durante os quatro anos que lá andaram e vivido juntos durante os últimos dois. E, depois de acabarem o curso, mais dois anos, numa antiga cavaleriça em Brooklyn. A Michelle era neurocirurgiã pediatra na Universidade da Califórnia, em São Francisco. E, como aparentemente a neurocirurgia não era suficientemente impressionante, era também consultora especial do FBI, responsável pelo estudo de padrões cerebrais em crianças propensas à violência. Ah! Já disse que era linda de morrer? Como poderia levar a mal que o Nick quisesse voltar a namorar com ela? Até eu queria namorar com ela.

— É a Michelle? — perguntei, mais em jeito de afirmação do que de pergunta.

— Não! Já te disse que não tens nada que te preocupar com ela.

O Nick esqueceu a sua tristeza apenas durante o tempo suficiente para ficar satisfeito com aquilo, como se servisse para pro-

var que não me estava a deixar por causa de uma pessoa que me fazia sentir insegura — mas por causa de outra pessoa qualquer.

— Trabalha no *Erguida*?

Erguida era o nome do filme do Nick. Foi tirar esta palavra a um poema do William Ernest Henley, que ele adorava — um dos vários poemas que tínhamos emoldurado e pendurado ao lado do frigorífico na cozinha. O verso dizia: «Sob o peso do destino / Tenho a cabeça ensanguentada, mas erguida». Em momentos de maior generosidade, tinha adorado que estivesse a usá-lo como título. Este não era um momento de generosidade.

— Não é nada disso... — murmurou. Depois, para o caso de me ter escapado, abanou a cabeça para dar mais ênfase: *nada disso*. — É só uma amiga... — disse.

— Só uma amiga?

Acenou com a cabeça.

— Uma amiga de infância — respondeu. — Juro-te, ainda não aconteceu nada.

Pareceu aliviado também com esta parte. Mas não pude deixar de perguntar-me porque é que ele pensaria que o facto de me deixar por alguém com quem *ainda* não tinha dormido me faria sentir melhor. Não pude deixar de pensar também porque é que pensaria que eu fosse ouvir outra coisa para além das palavras que lhe tinham escapado sem querer. Ela era «amiga de infância». Ou seja, uma infância passada noutra lugar. Ou seja, não era ali. Comigo.

— Desculpa, Annie — pediu ele. — Mas a verdade é que...

E então calou-se. Calou-se como se não soubesse se deveria dizer. E foi então que disse.

— A verdade é que passas muito tempo fora, Adams. Estás sempre a viajar.

— Estás a querer dizer que ela só está aqui porque eu... não estou? — Acabei a frase por ele.

— Estou a dizer que sou eu que me vou embora. Mas, se formos completamente honestos, de qualquer maneira, tu nunca cá estás. Nem sequer sei se queres estar.

E foi então que aconteceu. O meu coração desfez-se em bocados.

Cinco anos. Estávamos juntos há cinco anos. Tínhamos uma vida em conjunto. Não se pressupunha que eu podia contar com isso? Ele tinha-me prometido que sim — que devia — no momento logo a seguir ao outro momento em que me disse que não tinha a certeza de se querer casar. Mas nós, ele e eu, iríamos ser mais do que casados. *Pós-casados*, foi como lhe chamara. *De que é que serve um bocado de papel?* E agora, naquele momento, pensei em lembrar-lhe isso, para lhe mostrar que não tinha o direito de decidir aquilo. Assim do nada.

Seria este o momento certo para usar o outro argumento, o de que ele viajava quase tanto como eu? Não me pareceu. Não me pareceu que estivesse recetivo a ouvir isso — a ouvir o que quer que fosse que eu dissesse. Estava demasiado ocupado a olhar para o chão, a limpar as unhas. Sim, estava a limpar o sujo das unhas, não para me evitar, mas realmente concentrado em limpá-las. Concentrado e exausto.

Quando voltou a olhar para mim, os seus olhos diziam *Já acabámos?* Claro que eu conhecia aquele olhar. Conhecia todos os seus olhares. Eram cinco anos.

Lancei-lhe também um olhar. *Ainda não, por favor. Preciso de compreender isto.*

Não tínhamos estado ali sentados, ali mesmo, ainda ontem? Tínhamos. Eu tinha chegado do aeroporto, exausta, mas resolvi ficar acordada para poder passar uns minutos com o Nick, antes que fosse trabalhar. Ele tinha feito tarte de pêssego e eu ajudei-o a refazer a última cena do filme. A última cena de todas. Parecia tão feliz por ter resolvido o final, tão feliz comigo por ter ajudado. Esboçou um sorriso enorme e depois debruçou-se sobre mim. Debruçou-se sobre mim, ainda ontem, e disse *És o máximo... Sabias?*

Fora um instante, menos de 24 horas antes, que parecia a antítese completa deste instante. Eu não sabia ainda que poderíamos sempre encontrar aquele momento perfeito, precisamente antes de tudo se desintegrar — e foi por isso que disse em voz

alta, para provar a minha posição. A posição, tal como entendi na altura, do amor.

— Mas, ontem... — comecei — disseste que eu era o máximo.

Ele aproximou-se e fez-me uma festa na cara, e pensei que fosse dizer *E és, o problema sou eu. És o máximo e eu amo-te, e a minha amiga está só a dar-me cabo da cabeça. És o máximo e eu só preciso de um tempo para ter a certeza. Para me lembrar. Que temos de ficar juntos.* Mas não disse nada disso. E, apesar de acreditar, ainda hoje, que ele não ouviu bem o que disse — não é possível que tenha ouvido a barbaridade que lhe saiu —, a verdade é que o disse.

Aproximou-se e fez-me uma festa na cara.

— E foste — disse ele.



O encanto da coluna «De Partida» — a razão por que teve, desde o início, algum êxito — era dar às pessoas uma certa sensação de controlo. Ficavam a saber várias coisas que era fundamental experimentarem num determinado lugar: uma vista extraordinária («Vejam o Taj Mahal do hotel Oberoi Amarvillas em Agra»), um sabor extraordinário («Experimentem o guisado especial de rolos de bambu do famoso T'ang Court no bairro central de Hong Kong»), descobrir a única coisa que não existe em mais nenhum lugar («Não se esqueçam de comprar cem folhas de papel acabado de fazer na única fábrica de papel em funcionamento em Amalfi — funciona desde 1592!»). As pessoas faziam estas coisas, desfrutavam, tiravam fotografias delas próprias a divertirem-se — e tinham a sensação de não ter apenas vivenciado aquele lugar, mas de se terem verdadeiramente libertado das suas vidas de todos os dias. Prontas para a próxima!

Mas, tal como o meu editor — Peter W. Shepherd — me disse, não há muito tempo, «citando Steinbeck» — o Peter é inglês, tem mais ou menos cem anos, e é um dos meus seres humanos preferidos mas, desde que tinha começado a escrever o seu romance (que descrevia como «uma espécie de *Tortilla Flat*, mas britânico»), qualquer desculpa servia para começar uma frase com uma citação de Steinbeck — «Uma viagem é como o casamento. O caminho mais certo para nos enganarmos é pensar que temos controlo».

Claro que, gostasse ou não, aquilo queria dizer alguma coisa. A coluna «De Partida» tinha um problema. Aquela sensação de controlo era ilusória. A magia de Big Sur, por exemplo, estava em passar um dia inteiro sentado nas rochas ao lado da estação de correios a ouvir o oceano atrás de nós. Mas a maior parte das pessoas não tinha nem tempo nem vontade de passar o dia sentada ao lado da estação de correios sem fazer nada. Mas já conseguiam arranjar 50 gloriosos minutos para ir até Bixby Canyon Bridge e à mais maravilhosa interseção de montanha rochosa e de mar que se possa imaginar. Ficavam com a sensação de que tinham feito a peregrinação perfeita a Meca e que podiam riscar aquele lugar das suas listas.

Em cada uma das categorias da «De Partida» tentava transmitir aos leitores uma sensação de fuga — de libertação das barreiras do dia a dia, de saída da sua zona de conforto. Foi com esta ideia em mente que dei o nome às categorias (chamei à secção que falava das paisagens «Abra os Seus Olhos» e a outra secção, em que se supunha que os leitores se aventurassem para fora dos trilhos do costume, «Vire na Saída Errada»). E tinha o cuidado de não escolher nada demasiado óbvio para visitar (nada de Estátua da Liberdade), nem demasiado comum para provar (nada de experimentar a «tarte com tudo» no Ray's Pizza em West Village). Por fim, dava o maior destaque à última categoria da lista («Descubra a Única Coisa Que Não Encontrará em Nenhum Outro Lugar») — que, além de ter de ser sempre cativante, tinha a função mais importante de todas: fazer as pessoas sentirem que, depois de completar esta última etapa, já estavam prontas para voltar para casa.

Naqueles primeiros dias depois de o Nick se ter ido embora, não pude deixar de pensar no que ele teria escolhido se escrevesse uma «De Partida» sobre mim. O que seria essa última coisa? Era o que eu mais queria saber. Qual era a derradeira coisa que o fez decidir que já tinha vivido a experiência completa? E que já podia — já era tempo — de partir?

Mas foi bom, depois de ter posto fim à nossa relação, ter sido ele a ir. Saiu logo naquela tarde e foi para casa de uns familiares,

ou da sua nova amiga, ou dos Village People. Não perguntei e ele também não disse. O que disse foi que não voltaria a casa, nem ligaria, nem começaria o processo de desentrançar as nossas vidas (a nossa conta conjunta, a nossa casa, os nossos carros, o nosso computador partilhado, a nossa prole) até que eu estivesse preparada. Poderia ligar-lhe quando estivesse preparada para isso. Quando estivéssemos mais curados. Foi exatamente essa a palavra que usou. *Curados*. Foi um milagre, quando penso nisso, que não lhe tenha dado um estalo.

Fiquei demasiado estupefata, quando aconteceu, para me zangar assim tanto. Ou sequer para ficar assim tão triste. Depois, fiquei assim tão triste. Fiquei mais triste do que alguma vez tinha estado. Ao fim de todo este tempo, a melhor maneira que tenho de descrever aqueles primeiros dias é dizer que não conseguia fazer muito mais do que ficar deitada na cama à noite a ouvir o ranger das tábuas do soalho. E passar os dias a fazer basicamente a mesma coisa. Parecia que o meu coração tinha mudado de lugar no meu peito — que tinha conseguido mexer-se sozinho — para um lugar que não era o dele, onde ficava preso e pesado. Ficava ali deitada, sem fazer nada, a sentir o coração assim.

Então, ao décimo dia, a minha amiga mais íntima, a Jordan (também conhecida por Jordan Alisa Riley, advogada criminal internacional, uma mulher linda, durona) apareceu de rompan-te em minha casa, com a filha de três anos, Sasha, atrás. Usou a chave que tinha, o que significa que fui apenas avisada por um olá bem alto. *Estamos aqui*.

A Jordan e eu éramos amigas desde a primeira semana de faculdade, quando nos calhou um quarto ao lado uma da outra no dormitório. A companheira de quarto dela era louca (tinha, por exemplo, um altar ao *Já Tocou*). Por isso, na segunda semana, a Jordan basicamente mudou-se para o meu quarto. O resto foi a nossa história. A nossa maravilhosa história de amor. Por esta altura, já nos conhecíamos tão bem — conhecíamos-nos daquela maneira sincera e absoluta das pessoas que se conhecem quando ainda são jovens. Antes de tudo o resto. Antes de se tornar tanto mais fácil como mais difícil conhecerem-se.

Por exemplo, a Jordan e eu conhecíamos-nos tão bem que, na manhã do décimo dia depois de o Nick se ter ido embora, eu levantei-me e tomei um duche, «arranjei-me» com umas calças de ganga e um top roxo. Porque, apesar de não me ter ligado, eu sabia que ela iria aparecer e queria que ela visse que eu estava bem, quando chegasse. Para mim, o roxo era sinal de que estava tudo bem. As pessoas tristes, patéticas, não usam roxo. Usam preto. Ou talvez verde.

Foi também por essa razão que fiquei sentada à mesa da cozinha, a fingir que estava a trabalhar. Fi-lo pela Jordan. Pensei que isso iria preocupá-la menos. E, além disso, que seria uma boa mensagem para transmitir no caso de falar com o Nick.

Porque também havia essa parte: a Jordan era irmã do Nick.

Tínhamo-nos conhecido — o Nick e eu — na nossa cerimónia de fim de curso. O Nick gostava de dizer que se apaixonou por mim naquele dia, no dia da entrega de diplomas, na primeira vez em que me viu. Sempre desconfiei dessa história. Primeiro, porque só começámos a namorar uns anos depois. Segundo, porque um capelo e uma beca não favorecem propriamente ninguém.

A Jordan ficou parada na porta da cozinha, com as mãos nas ancas, a estudar-me.

— Bom, a parte boa — disse ela — é que estás magra. Perdeste uns 2, 3 quilos...

Levantei-me da cadeira e fui abraçá-la com força à volta do pescoço, com a Sasha agarrada às minhas pernas. Entretanto, a Jordan tinha começado a chorar. Estava a chorar mais do que eu, o que era desconcertante. Ela não era muito sentimental. Não era mole, apesar de escrever ao meu editor uma carta cheia de elogios de cada vez que saía a «De Partida», o que, para mim, era sinal de que tinha, no fundo, um coração de manteiga. No entanto, em quase 15 anos de amizade, tinha-a visto chorar precisamente duas vezes. E esta era a segunda.

— Então é assim — disse ela, afastando-se e limpando as lágrimas —, trouxe-te um bocado daquela salada de couve horrível que tu adoras, daquele restaurante *vegan* nos Palisades.

— Trouxeste? — perguntei.

Ela acenou com a cabeça.

— Por falar nisso, cheira imenso a peru, mas trouxe-te meio quilo de salada. E um jarro do teu café preferido. Por isso, para começar, vamos sentar-nos e tu vais comer.

Não era propriamente uma pergunta.

— Está bem — respondi.

— Esse é o primeiro passo. Vais fazer isso *imediatamente*, antes que a couve fique ainda mais fria e mais horrível do que já é — disse ela.

— Qual é o segundo passo? — perguntei-lhe.

— Já vais ver.



Sentámo-nos à mesa da cozinha, a Sasha a pintar o seu livro de colorir da Mulher Maravilha e a Jordan e eu lado a lado, com meio quilo de salada de couve entre nós. O sol entrava a jorros pelas janelas, iluminando a couve, fazendo-a parecer *kryptonite*.

Enquanto me servia café, a Jordan pegou num bocado de couve, cheirou-a e voltou a pousá-la.

— Bom — disse ela —, tenho estado pacientemente à espera de que me liguês, mas como vou ter de viajar amanhã para Roma, em trabalho, não podia esperar mais.

Bebi um pouco de café e tentei pensar no que dizer.

— Não queria pôr-te no meio disto.

— Pôr-me no *meio*? — Inclinou-se mais um pouco na minha direção, obrigando-me a olhá-la nos olhos. — De que meio é que estás a falar? Só para que saibas, odeio o meu irmão por causa disto.

— Só para que saibas — disse eu —, neste momento, também não o adoro.

— É óbvio que ele enlouqueceu. Isso é só para começar. E essa tal Pearl?

Pearl. Tinha um nome. Chamava-se Pearl.

A Jordan abanou a cabeça e recostou-se na cadeira.

— Nunca gostei dela, mesmo quando a *conhecia* — explicou.
 — Ela cresceu na nossa rua. O Nick contou-te isso?

— Não exatamente.

Fiz uma pausa, sem querer fazer a pergunta — mas tendo de fazer.

— Como é que ela era? — disse eu.

— Há cem anos? Era a chefe da claque, a rainha do liceu, o pesadelo de todas as raparigas que só tiveram maminhas tarde.

— Fantástico.

— E então? — disse a Jordan, num tom de desdém. — Também é mais mandona do que eu, o que não é pouco! E *Pearl*? A sério? Quem é que se chama assim com menos de 90 anos?

— Acho que uma das empregadas do bar do Caffè Luxxe se chama Pearl e tem vinte e tal, talvez trinta e poucos...

A Jordan levantou a mão para me calar.

— O que eu quero dizer é que o Nick perdeu a cabeça se pensa que vou apoiar isto. Perguntou-me se podíamos jantar todos no próximo domingo. E eu respondi-lhe: «Acho ótimo. Num mundo em que *ótimo* queira dizer “o pior convite que alguma vez me fizeram”».

Eu ri-me, o que fez a Sasha olhar para mim e sorrir. O seu sorriso era estranhamente parecido com o da Jordan — a mesma curvatura do lábio inferior, a mesma meia gargalhada por detrás dele — uma vez que, para todos os efeitos, a Jordan era madrastra da Sasha. Mas, por outro lado, fazia todo o sentido. Parecia muitas vezes que a Jordan amava a Sasha como se fosse sua filha. Qual tinha sido a outra vez em que eu tinha visto a Jordan chorar? Quando o Simon tinha levado a Sasha para visitar a família em Martha’s Vineyard. A Jordan não tinha podido ir por causa do emprego. Foi a última vez que escolheu afastar-se da Sasha fosse pelo que fosse.

— No fim de contas? No que me diz respeito, o Nick tem menos de cinco minutos para se deixar de m-e-r-d-a-s e parar de se comportar como um c-l-i-c-h-é.

Olhei para a Sasha, que tinha voltado a pintar.

— Porque é que estás a soletrar c-l-i-c-h-é?

Ela suspirou.

— Não sei. Fiquei embalada.

Apertei-lhe a mão.

— Deixa-me furiosa, sabes? — continuou ela. — E não estou a defendê-lo, *acredita em mim*. Mas entre o *Facebook* e o *Messenger*, e todos esses tipos de tecnologia que, hoje em dia, nos deixam a dois cliques de distância de *qualquer pessoa* no universo, é preciso fazermos um esforço para *não* nos envolvermos emocionalmente com quem acabámos de conhecer. Fazer um esforço para não procurarmos antigas paixões, com ideias como *se calhar, fomos feitos um para o outro*. Sabes do que estou a falar?

Abanei a cabeça.

— Acho que não.

Olhou-me de lado.

— Estou a dizer que a moda agora são as coisas indefinidas — explicou. — Toda esta história de estarmos escondidos por detrás de um computador em nome do amor... mete-me nojo. Que saudades dos tempos em que enganar alguém significava mesmo enganar alguém.

Pus-me de pé e comecei a levantar os pratos e a levá-los para o lava-loiça.

— Jord, preciso que me oiças com atenção, está bem? O Nick gosta de ti mais do que qualquer outra coisa no mundo. Também és a melhor amiga dele. Não fiques zangada com ele por minha causa. Na verdade, ele não fez nada de mal. Acho que se foi embora para não chegar a fazer. É justo. Não tem graça nenhuma, mas é justo. Além disso, não estou inocente nesta história. Estou sempre fora, como ele te contará com muito gosto.

— Desculpa?

— Estou só a dizer que ele tem alguma razão. É difícil manter uma relação com alguém que nunca lá está. E eu sempre fui assim, não fui? Mudei de casa 12 vezes antes de fazer 18 anos, e agora viajo metade do ano em trabalho. — Encolhi os ombros. — Acho que durante toda a minha vida nunca estive no mesmo sítio mais do que uma semana.

Ela arregalou os olhos, como se estivesse a compreender alguma coisa pela primeira vez.

— Ah, estou a ver! Então tens culpa de que a tua mãe seja desequilibrada e de que o Nick esteja a ter um ataque de pânico de início de meia-idade? Tens culpa dessas duas coisas?

Antes que pudesse responder, ela começou a olhar em volta. Depois, voltou a olhar para mim.

— Onde é que está a cadela? — perguntou.

— O que é que isso tem que ver?

— Deixaste-o levar a *merda* da c-a-d-e-l-a? — perguntou ela.

— Soletraste a palavra errada — avisei.

— Tu *adoras* a *Mila*. Daquela maneira doentia e irritante que leva as pessoas a falarem de ti nas costas.

— E o Nick também.

Olhou para mim estupefata, mas eu desviei a cara. De qualquer forma, como poderia explicar-lhe? Mesmo agora, depois de o Nick me ter feito sofrer tanto, a verdade é que eu não queria fazê-lo sofrer. Afinal, não é isso o amor?

A Jordan virou-se para a filha, a abanar a cabeça.

— Sasha, já viste uma coisa destas? — perguntou. — A tua tia está a ser leal para com um *homem* mesmo perante o seu questionável carácter moral. Nunca faças isso. Na verdade, isso é o que não se deve fazer. Quando cresceres e um tipo se porte mal, tens de te virar contra ele com toda a força. Percebeste?

A Sasha continuou a pintar, satisfeita com a sua criação da Mulher Maravilha, que estava agora com um fato completamente cor de laranja berrante.

— Diz que me ouviste, querida — disse ela.

— Ouvi, Mamã — respondeu. E depois pegou num lápis diferente, outro tom de cor de laranja, e começou a pintar o cabelo da Mulher Maravilha.

A Jordan beijou a Sasha na testa, afastando-lhe os caracóis. E beijou-a outra vez.

— E estou a pensar o seguinte... — disse ela, voltando-se de novo para mim. — E não quero ouvir desculpas.

Recostei-me na cadeira, esboçando um sorriso.

— Que surpresa.

— Vens connosco a Veneza, até a poeira assentar. Tenho lá um caso de desvio de fundos que deve durar umas 12 semanas. Vamos ter uma casa ótima muito perto do Rialto. Mesmo ao lado do melhor café do mundo. E, como se isso não bastasse, *esta* Veneza — fez um gesto que abarcava tudo à sua volta — vai parecer-te a milhões de quilómetros de distância.

— Parece-me ótima ideia — respondi.

— Muito bem. Então, está combinado.

Abanei a cabeça.

— Tenho de trabalhar — expliquei.

— Desculpa, não há computadores em Itália? — perguntou.

Não tinha uma boa resposta, mas queria que ela percebesse quão impossível era aceitar a sua oferta.

— Não posso abandonar a minha vida agora.

— Annie, acho que ela já te abandonou — respondeu.

Fuzilei-a com o olhar.

— Não ajudou? — perguntou ela. — Desculpa. Não tenho jeito nenhum para estas coisas. Só não quero que isto piore.

— O que é que isso quer dizer? — perguntei, apesar de saber. Eu não era daquele tipo de mulheres que ultrapassam as coisas rapidamente: que arranja um namorado novo na semana seguinte, que passa a ver o antigo com outros olhos. O meu «processo» era um pouco menos apaziguador do que isso. Primeiro, teria de me culpar a mim própria por tudo o que corra mal. E depois, pelo resto todo.

— Vem a Veneza, Annie — pediu a Jordan. — Isto há de passar ao Nick. A vida vai voltar ao normal. Até lá, vamos divertir-nos! Tenta ser o contrário do que és.

Ser o contrário do que és: aquelas palavras acertaram-me logo em cheio, atravessando o nevoeiro. *Ser o contrário do que sou?* Ia no décimo dia e aquilo era a primeira coisa que ouvia que me parecia uma boa ideia. Era a primeira coisa que me parecia um verdadeiro plano. Para seguir em frente.

— E também me ajudavas — continuou ela. — O Simon e eu podíamos passar algum tempo juntos. Ter um jantar, dar um passeio.

Calou-se por um instante.

— Estás a ver? Nem sequer tem que ver com o que tu precisas. Estou basicamente a usar-te para tomares conta da criança.

Ri-me.

— Não sei, Jordan...

— Sabes sim. — Encarou-me de frente. — Ambas sabemos que o Nick vai voltar para ti. Isto é apenas a crise dos cinco anos. É uma coisa que existe mesmo. Quando a minha chegar, tenciono estar em Marrocos. Por falar nisso, depois vou precisar de umas dicas sobre hotéis. Qualquer um que tenha spa.

Abanei a cabeça.

— Não é assim tão simples — disse-lhe.

— É, sim. Mas concordo que a tua crise dos cinco anos chegou na pior altura *possível*. O Nick está a sentir pela primeira vez o gostinho da fama e está a sofrer de amnésia temporária de que é um cromo que... — Arregalou os olhos, apercebendo-se de qualquer coisa. — Deixou de usar os seus óculos de cromo.

— E então? — perguntei.

— Então, eu devia ter percebido que se estava a passar alguma coisa quando ele começou a usar as lentes de contacto. Como é que não percebi logo? — Abanou a cabeça. — Foi como se ele tivesse tirado o cérebro quando tirou os óculos. É como o Piggy no *Deus das Moscas*.

Olhei para ela, confusa.

— Os óculos do Piggy partiram-se, acho eu.

Ela não me deu importância.

— Não estás a perceber — disse.

— Não estou a perceber o quê?

— Que o Nick te ama. Ele ama-te tanto que te posso garantir que nada *sério* se vai passar com a Pearl. Mas os homens esquecem-se. Se passar muito tempo, eles esquecem-se daquilo que têm. Esquecem-se de quanto *querem* aquilo que têm. E não devias estar a sofrer até ele se lembrar. — Fez uma pausa. — Além disso, quanto mais depressa deixares de sofrer, mais depressa ele há de voltar. É assim que funciona.

Não pude deixar de concordar com aquela parte. Parecia-me que o universo era assim perverso — quando se deixa de precisar desesperadamente de uma coisa, quando se abandona um pouco a esperança, tem-se uma nova oportunidade.

Encostei a minha testa à dela.

— Adoro-te — disse-lhe. — Caso não saibas.

— Então, vem a Veneza comigo. E, só por uma vez, deixa que haja alguém a tomar conta de ti.

— O teu irmão diz que tem tomado — respondi. — Demasiado.

Suspirou.

— *Adorava* que deixasses de te referir a ele dessa maneira.

Sorri.

— Vou pensar nisso da viagem — disse-lhe. — Vou mesmo.

— Não vais nada.

— Talvez não — concordei. — Mas não vamos falar mais de cataclismos, está bem? Prometo-te que vai ficar tudo bem. E, para prová-lo, amanhã por esta hora, vou começar de novo. Afinal de contas, o que são cinco anos? Aliás, nem é preciso ser amanhã. Esta noite, vou sair e voltar a juntar-me ao mundo. Já tenho planos. *Grandes* planos...

Ela recostou-se na cadeira.

— Meu Deus, mentes tão mal — disse. — É arrepiante ver.

— Em que é que não acreditaste? Na parte de já ter planos? Agarrou-me no dedo mindinho, apertando-o devagar.

— Sim, podias ter-te esforçado um pouco mais nessa parte — respondeu. — Além disso, tens o top vestido ao contrário.



Depois de a Jordan se ter ido embora, fiquei a chorar até adormecer.

Era com isto que tinha de me reconciliar: cinco Natais e cinco Passagens de Ano, dez festas de anos e todos os dias de Ação de Graças. Seis viagens pelo país, três viagens por metade do país, três filmagens, um encontro dos dez anos da faculdade. Duas idas ao hospital por intoxicação alimentar, um desastre de carro no México, três ossos partidos, uma apendicite. A morte de cinco avós (e avós emprestados). Um Dia dos Namorados em Hong Kong, um Dia dos Namorados em Nova Iorque, um Dia dos Namorados passado na mesma casa quase sem falar um com o outro. O casamento da irmã dele, *dois* dos divórcios da minha mãe, quatro afilhados conjuntos, um anjo em forma de labrador cor de chocolate. Uma linguagem só nossa, uma família partilhada, um plano conjunto de uma viagem à volta do mundo. Duas semanas numa casa-barco horrível à beira do lago Michigan, a última noite, quando, mesmo assim, me deu o medalhão em forma de coração, com quatro pequenas palavras na parte de trás, como se fizessem todo o sentido: *Para ti, para sempre*. Nem um único dia em que não nos falássemos, nem que fosse para discutir. Nem uma única noite em que eu não dissesse «boa-noite», mesmo que não tivesse vontade. Nem uma única manhã em que a primeira coisa que eu pensasse não fosse *Tu*.

E então, levantei-me a meio da noite, lembrando-me de outra coisa. Lembrei-me de uma viagem que fizemos perto do início da nossa relação, seis meses depois, quando fomos passar um fim de semana prolongado ao Utah. Na primeira noite que lá passámos, estávamos numa velha cabana rústica nos arredores de Moab e, antes de irmos dormir, eu disse:

— Como é que isto está a correr tão bem?

— Devemos aproveitar enquanto dura — respondeu o Nick.
— Talvez não corra sempre assim tão bem...

Devo ter feito um ar destroçado. Ele tentou imediatamente emendar a mão — chegou-se para perto de mim, reconfortando-me e dizendo que o dissera sem pensar, que as coisas entre nós correriam sempre assim tão bem, ou perto disso. Claro que sim. Mas o problema é que não foi o *correr bem* que me deixou destroçada.

Foi o *sempre*.

Uma pequena, inexplicável parte de mim tinha medo, logo desde o início — de confiar em alguém, de acreditar que ele estaria sempre ao meu lado — ainda que isso fosse exatamente o que a outra parte de mim desejasse.

E fiquei a pensar como é que tinha chegado até ali.

Uma história romântica e divertida sobre uma mulher dividida entre o seu marido e o homem com quem ela julgava que se ia casar.

Annie Adams está a alguns dias de celebrar o seu 32.º aniversário e pensa que encontrou, finalmente, a felicidade. Jornalista, escreve uma coluna semanal sobre viagens e passa a vida a explorar os lugares mais exóticos e interessantes do mundo. Vive em Los Angeles com Nick, o namorado com quem já pensa casar, numa relação aparentemente feliz que conta com cinco anos. Quando Nick chega a casa e a informa de que, «segundo a terapeuta», talvez precisem de «um tempo», Annie fica destroçada.

Perdida num turbilhão de sentimentos, Annie acaba por conhecer Griffin, um charmoso *chef*, que de imediato a conquista. E, em apenas três meses, Annie dá por si casada, a reconstruir a sua vida numa zona rural do Massachusetts. Mas quando Nick lhe pede uma segunda oportunidade, Annie fica dividida entre o seu marido e o homem com quem ela sente que deveria ter casado.

«Laura Dave é o fenómeno do ano.»
Cosmopolitan



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

Ficção romântica

ISBN 978-989-8626-36-3



9 789898 626363

www.topseller.pt